

Recebido em: 14/05/2021

Aprovado em: 27/08/2021

Publicado em: 22/10/2021

SOBRE A POSIÇÃO DA METAFÍSICA NA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

ON THE POSITION OF METAPHYSICS IN FREUDIAN METAPSYCHOLOGY

Pedro Fernandez de Souza¹
(pedrofsouza@gmail.com)

Resumo: Partindo da crítica feita por Freud à filosofia, tentamos neste artigo compreender a sua posição dentro da teorização freudiana. Apresentamos, primeiramente, a crítica freudiana ao método filosófico (mediante o qual o filósofo criaria sistemas metafísicos acabados e fechados à experiência, cujos conceitos abstratos preencheriam as lacunas do mundo); em seguida mostramos como a metapsicologia assoma nalguns excertos como uma espécie de metamorfose da metafísica (a partir da qual os conceitos abstratos do filósofo baixariam ao subsolo do inconsciente). Perquirimos, então, algumas das características mais importantes da metapsicologia, salientando sua tarefa fundante de preencher as lacunas dos fenômenos da consciência; nesse passo, a filosofia parece retornar à teoria psicanalítica como que pela porta dos fundos. Investigando processos psíquicos jacentes entre o consciente e o corpóreo, a metapsicologia revela ser a psicanálise uma disciplina eminentemente fronteira; a filosofia não somente estaria numa dessas fronteiras, mas caberia a ela investigá-las.

Palavras-chave: Psicanálise. Metapsicologia. Metafísica. Filosofia.

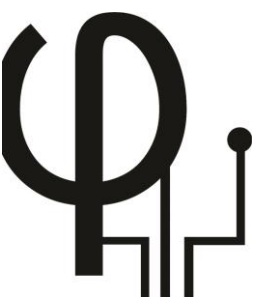
Abstract: Starting from Freud's criticism of philosophy, we aimed in this article to comprehend its position within Freudian theorization. We presented, firstly, the Freudian critique of the philosophical method (by which the philosopher would create metaphysical systems finished and closed to experience, whose abstract concepts would fill the lacunae of the world); afterwards, we showed how metapsychology arouses as a sort of metamorphosis of metaphysics (from which the philosopher's abstract concepts would come down to the unconscious's underground). We inquired, then, some of the most important characteristics of metapsychology, highlighting its founding task of filling the lacunae of the consciousness' phenomena; there, philosophy seems to return to the psychoanalytical theory as if through the backdoor. Investigating psychic processes lying between the conscious and the corporeal, metapsychology reveals psychoanalysis as an eminently borderline discipline; philosophy not only would be on one of these frontiers, but it is its task to investigate them.

Keywords: Psychoanalysis. Metapsychology. Metaphysics. Philosophy.

¹ Mestre e doutorando em Filosofia da Psicanálise pelo Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Formado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9110676482062042>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7109-8469>.



Ante focum si frigus erit, si messis in umbra
(Virgílio, *Bucolica*, Ecloga V, 70)

I

A crítica de Freud à filosofia tem duas frentes principais: a primeira delas diz respeito à recepção (filosófica) do conceito (psicanalítico) de inconsciente; a segunda é concernente à construção de sistemas filosóficos. Uma se centra num *conceito* psicanalítico; a outra, na diferença de *método* entre psicanálise e filosofia. Vejamos com mais detalhes essa dupla contraposição freudiana perante a filosofia, para que depois possamos compreender melhor as relações entre o conceito de inconsciente, o método filosófico (ou metafísico) e a formalização (metapsicológica) da teoria psicanalítica.

Em 1913, em seu texto *O interesse da psicanálise*, Freud dedica menos de duas páginas ao chamado “interesse filosófico”. De fato, o interesse de Freud parece estar mais em *incitar* os filósofos a lidar com o conceito de inconsciente do que qualquer outra coisa. “Aí onde [insofern] a filosofia se funda sobre uma psicologia, ela não poderá deixar de lidar, da maneira mais generosa, com as contribuições psicanalíticas para a psicologia” (FREUD, 1913/1999, p. 405)², assim como ela, a filosofia, já fizera com as outras “ciências especiais” (*Spezialwissenschaften*). Disso se depreende que, sendo objeto da filosofia algo de *psíquico*, ela terá de se haver com as descobertas analíticas no campo chamado *psicológico*. Aqui, é a filosofia quem tem de ser *generosa* com a psicanálise. “Em especial, a asseveração das atividades psíquicas inconscientes deve obrigar [muß... nötigen] a filosofia a tomar partido e, em caso de consentimento, a modificar suas hipóteses sobre a relação entre o anímico e o corpóreo, até que elas correspondam ao novo conhecimento” (FREUD, 1913/1999, p. 406). Assim, tratar-se-ia de uma espécie de *dever* ou *obrigação* que a psicanálise impõe à filosofia: o novo conhecimento, a psicanálise, ao trazer à luz o conceito novo de inconsciente, insta o outro conhecimento – dir-se-ia o *velho* conhecimento, a filosofia – a modificar suas hipóteses. No caso, é a relação entre alma e corpo o que está em jogo:

De fato, do lado [von Seiten] de sua relação com o consciente, com o qual ele possui muito de similar, é fácil descrever o inconsciente e acompanhá-lo em seu desenvolvimento; por outro lado, hoje ainda [jetzt noch] parece totalmente impossível [ausgeschlossen] aproximá-lo do lado do processo físico. Ele deve, pois, permanecer objeto da psicologia (FREUD, 1913/1999, p. 406).

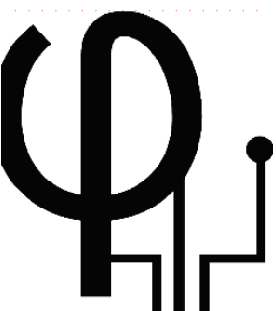
² Todas as citações de Freud (à exceção de uma carta a Fliess) são oriundas da versão alemã *Gesammelte Werke*; como padrão de citação, citamos o ano original de publicação, seguido do ano da publicação da edição alemã consultada (que é, no caso, 1999). Todas as citações são de responsabilidade do autor.

Por consequência, trata-se de dois lados (*Seiten*) de um mesmo conceito – dois lados inseparáveis, poder-se-ia dizer, de uma moeda cujo valor inexistente sem que ambos sejam levados em consideração. O inconsciente estaria *entre* o puramente somático e o puramente consciente, por assim dizer, e travaria relações específicas com cada um desses lados. É tarefa mais fácil descrever que relações há entre as atividades anímicas conscientes e inconscientes; do lado do puramente físico, porém, estamos excluídos, *ausgeschlossen*, estamos deixados de fora de uma tal possibilidade. Ora, trata-se de uma impossibilidade temporária, marcada pela dupla adverbial *jetzt noch*: Freud confessa que, naquele momento em que escrevia o texto, era-lhe impossível conectar conceitualmente os processos inconscientes e os processos físicos. Ele não diz que essa impossibilidade é imanente ao objeto estudado; na verdade o físico (aqui claramente vinculado ao que é *corpóreo*) tem alguma relação com o psíquico inconsciente. Essa dupla vinculação do inconsciente (por um lado, com o corpóreo; por outro, com a superfície consciente da alma) é fundamental. Nós voltaremos a ela mais tarde neste estudo.

Mas voltemos agora ao raciocínio freudiano. Os filósofos, continua Freud, já lidaram outrora com o problema do inconsciente, mas o fizeram de dois modos pouco adequados:

Ou o seu inconsciente [dos filósofos] era algo místico, não palpável nem demonstrável, cuja relação com o anímico permanecia na obscuridade, ou eles identificaram o anímico com o consciente, e então derivaram, dessa definição, que algo inconsciente jamais poderia ser anímico nem objeto da psicologia. Essas observações se devem a que os filósofos julgaram o inconsciente sem conhecer os fenômenos da atividade anímica inconsciente, portanto sem suspeitar até que ponto eles se aproximam dos fenômenos conscientes e em que se diferenciam deles (FREUD, 1913/1999, p. 406).

Aqui, a crítica de Freud recai em duas condutas da atividade filosófica que, para ele, jamais poderiam fazer parte da psicanálise: em primeiro lugar, a postulação de conceitos meramente abstratos, que não se podem tocar (*greifen*) nem demonstrar (*aufzeigen*); em segundo lugar, a postulação de princípios conceituais de certa forma axiomáticos que, por serem primordiais, se tornam também *intocáveis* no edifício formal da teoria. No caso, trata-se da identificação entre *alma* e *consciente*, que Freud rejeita desde que se deparou com os fenômenos da hipnose. Essa identificação, diz ele, não passa de uma convenção, no mais muito pouco prática (*höchst unpraktisch*); além de dogmática, ela foi feita sem levar em conta os fenômenos psíquicos. Como se lê em 1925, é fácil para o filósofo ter a certeza de que o psíquico se equivale ao que é consciente, ou mesmo dizer, sobre o sintagma “o anímico inconsciente”, que se trata de uma *não-coisa* (*Unding*) ou de uma *contradictio in adjecto*. Essa segurança do filósofo é devida a ele não tomar conhecimento do “material cujo estudo obrigou [*genötigt*



hat] o analista a crer em atos anímicos inconscientes. Ele não se atentou à hipnose, nem se exerceu na interpretação dos sonhos” (FREUD, 1925/1999, pp. 103-104). Atesta-se mais uma vez uma *obrigação*: nesse caso, são os *fenômenos* que obrigam o analista à postulação de atos psíquicos inconscientes. A hipnose, os sonhos, os delírios, os sintomas obsessivos... eis a fonte fenomênica da qual Freud parte, e cuja explicação teórica ele fará remeter aos processos psíquicos inconscientes. Assim como Freud *instiga* a filosofia a modificar suas hipóteses, são os fenômenos que o instigam a alterar seus conceitos.

Nesse sentido, Freud pretende elaborar sua teoria por uma via bastante distinta da via filosófica, conforme por ele descrita; ele trabalha com conceitos abstratos, é fato, mas cuidando sempre de não torná-los intocáveis nos dois sentidos apresentados acima: seus conceitos, assim deseja ele, são *tocáveis*, tangíveis do ponto de vista empírico, por assim dizer (ou seja, sempre mantêm alguma relação com os fenômenos que tratam de descrever ou analisar), e são *tocáveis* também do ponto de vista epistemológico – podem ser ampliados, modificados ou mesmo eliminados da teoria de que fazem parte.

Adentramos então a outra frente da crítica freudiana à filosofia: o papel epistemológico dos conceitos dentro da formalização geral da teoria. Essa questão é trabalhada por Freud em diversos textos, mas nos centraremos na última das suas *Novas conferências*, cujo tema é a relação da psicanálise com uma “visão de mundo” (*Weltanschauung*). Aí, como em outros pontos de sua obra, Freud afirma categoricamente que a psicanálise pertence a um conjunto maior de saberes denominado ciência (*Wissenschaft*); para ser mais exato, ela seria uma “ciência especial, um ramo da psicologia – psicologia das profundezas ou psicologia do inconsciente” (FREUD, 1933/1999, pp. 170-171). Por *Weltanschauung*, Freud entende “uma construção intelectual que resolve todos os problemas da nossa existência a partir de um pressuposto de ordem superior [*übergeordnet*]”. Nessa construção, nenhuma questão permanece sem resposta, ou seja, não há falhas nem nada fora do lugar (FREUD, 1933/1999, p. 170). É nesse quesito que a distância entre psicanálise e filosofia queda clara. “A filosofia”, diz Freud, “não é contrária à ciência, ela mesma se comporta como uma ciência e trabalha em parte com os mesmos métodos”; não obstante essa similitude, a distância entre ambas se torna grande quando a filosofia “se aferra à ilusão de poder fornecer uma imagem do mundo coerente e sem lacunas [*ein lückenloses und zusammenhängendes Weltbild*], imagem esta, porém que deve desmoronar [*zusammenbrechen*] a cada novo progresso do nosso saber” (FREUD, 1933/1999, p. 171).

Contraste da coesão e da ruína: a filosofia almeja construir uma imagem do mundo cujos componentes estejam coesos entre si, unidos de forma intrínseca, *zusammenhängend*,



mas essa imagem é artificial, feita a partir da pura lógica (que é superestimada) ou de métodos suspeitos, como a intuição, e não tem outro destino senão quebrar, desmorar, *zusammenbrechen*. O filósofo, em Freud, é um desejoso da *totalidade*, é um ser que não suporta lacunas na imagem do mundo por ele forjada. É aqui que entra em cena o famoso dístico de Heine (*apud* FREUD, 1933/1999, p. 171):

„Mit seinen Nachtmützen und Schlafrockfetzen
Stopft er die Lücken des Weltenbaus“

Em contraposição a essa ânsia por totalidade, coesão e ausência de lacunas, a ciência para Freud é caracterizada por suas “eternas incompletude e insuficiência” [*ewigen Unvollständigkeit und Unzulänglichkeit*] (FREUD, 1925/1999, p. 100). E, embora ele de quando em vez apresente a teoria psicanalítica de forma unitária e coesa, não se deve depreender daí que ela é estática e imutável como as construções filosóficas. Em seu diálogo fictício sobre a questão da análise leiga, Freud diz a seu interlocutor imaginário que lhe apresentará a doutrina analítica de uma só vez, como se estivesse já pronta, mas em seguida completa: “não creia, porém, que ela nasceu da mesma forma que um sistema filosófico”. Além de ter sido desenvolvida durante muitos anos, a teoria psicanalítica é passível de ulteriores mudanças: “eu naturalmente não posso garantir-lhe que sua forma hodierna de expressão permanecerá a definitiva” (FREUD, 1926/1999, pp. 217-218).

A crítica, portanto, é endereçada aos *sistemas filosóficos*, que se erguem de uma só vez, de prontidão, sem se deixar alterar pelos fenômenos e pela observação metódica. Mais (ou menos) que uma crítica à filosofia em si, a crítica freudiana se dirige especialmente aos *sistemas metafísicos* (BERTHOLD-BOND, 1989, p. 276)³, isto é, à construção de uma imagem total e coesa de mundo cujos conceitos *ultrapassam* o plano dos fenômenos. Freud não se mostra a favor nem dessa coesão e totalidade *forçadas*, nem dessa negligência dos fenômenos, que segundo ele fazem parte da forma filosófica de teorizar.

Contudo a diatribe freudiana vai além: não só Freud compara o filósofo ao paranoico, mas também remete a filosofia ao sistema “primitivo” de pensamento chamado animismo. “Nossa filosofia preservou certos traços da forma animista de pensar: a superestimação do poder encantador da palavra, a crença em que os processos reais do mundo vão pelos caminhos

³ Quanto a isso, é notável a seguinte nota de rodapé de Berthold-Bond (1989): “a striking feature of Freud's critique of philosophy is that by and large he never mentions which philosophers he is criticizing! But while the object of his criticism remains anonymous, it is most probably the German idealists that he has in mind” (p. 275).

que o nosso pensamento lhes indica. Seria, é verdade, um animismo sem atos mágicos” (FREUD, 1933/1999, p. 178). Algo similar e inclusive mais ácido é dito em 1930: segundo Freud, os filósofos “creem salvar o Deus da religião, ao substituí-lo por um princípio impessoal e vagamente abstrato” (FREUD, 1930/1999, pp. 431-432). Ora, ao filósofo restaria então a crença não em Deus, mas na Sua salvação! *Como* se intenta concretizar essa salvação é para nós o mais importante: a filosofia toma do pensamento religioso ou animista uma série de crenças e as *impessoaliza*, tornando-as abstratas; em suma, o filósofo só *pensa*, ele não *reza* nem realiza atos mágicos. É em pensamento que ele preenche todas as lacunas do seu edifício teórico, é num sistema metafísico que ele cria uma imagem total do mundo. Nisso ele seria similar ao paranoico e ao crente.

Essas relações umbilicais entre filosofia e pensamento mágico já haviam aparecido, *en passant*, em 1901 sob a pena freudiana. Trata-se de um trecho capital do último capítulo da *Psicopatologia da vida cotidiana*. Aí, Freud se debruça sobre o tema da superstição, caracterizando-a como o resultado de uma projeção de conteúdos psíquicos inconscientes:

Creio de fato que grande parte da concepção mitológica de mundo, que penetra até nas religiões mais modernas, nada mais é que *psicologia projetada no mundo exterior*. O obscuro entendimento (uma percepção endopsíquica, por assim dizer) dos fatores e relações do inconsciente se espelha – é difícil dizê-lo de forma diferente, a analogia com a paranoia deve ser tomada aqui como uma ajuda – na construção de uma *realidade suprassensível*, que tem de ser retransformada [*zurückverwandelt*] pela ciência numa *psicologia do inconsciente* (FREUD, 1901/1999, pp. 287-888).

Nós víamos antes: a psicanálise seria uma ciência especial, um ramo da psicologia, muito propriamente a psicologia do inconsciente. Um dos fenômenos psíquicos que ela pode estudar é a superstição, a concepção mitológica de mundo; tal concepção, Freud a diagnostica do seguinte modo: ela é a *transfiguração* ou *transformação* (*Verwandlung*) dos processos inconscientes, que por intermédio da projeção são usadas para construir uma *realidade suprassensível*. A tarefa da ciência seria muito precisamente trazer essa realidade *de volta* (*zurück*), reconduzi-la para sua origem, qual seja, o inconsciente. O texto prossegue assim: “poder-se-ia ousar dissolver os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade, e outros afins, desta maneira: transpor [*umsetzen*] a *metafísica em metapsicologia*” (FREUD, 1901/1999, p. 288).

Há um espelhamento: as construções metafísicas espelham a realidade psíquica da qual advieram, e a tarefa da psicanálise seria muito propriamente reconduzir essa realidade segunda, fisicamente inexistente, à sua origem primeira, o inconsciente. Nessa recondução



à origem, a metafísica é *transposta* (*umsetzt*) numa metapsicologia. *Umsetzen* pode significar não só transpor, mas também converter, transladar, metabolizar ou traduzir. Aqui, a forma com que a psicanálise aborda a filosofia não é de mera contraposição; pelo contrário, aqui a filosofia é tomada como um verdadeiro *objeto* da psicanálise, na medida em que a realidade suprassensível, ainda que impessoalizada, erigida pela metafísica tem de ser transposta ou traduzida pela ciência numa teoria psicológica do inconsciente. Como afirma Berthold-Bond (1989), “a teoria psicanalítica não é uma mera *substituição* da metafísica, como por exemplo o empirismo dos filósofos analíticos é uma substituição, mas uma *transformação* e, portanto, uma *recuperação* dela” (pp. 276-277). Tem-se uma proliferação de termos marcados pelo prefixo grego *μετα-*: a metapsicologia seria uma espécie de metamorfose da metafísica. Nós ainda voltaremos a esse prefixo fundamental.

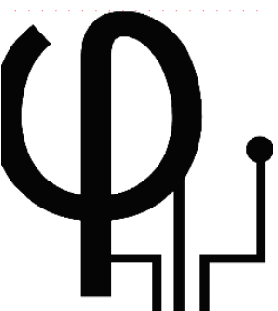
Convém, pois, estudar as características do produto teórico dessa metamorfose; termo fundamental para a teorização freudiana e cuja primeira aparição pública e oficial é justamente aquela que recém-citamos: a *metapsicologia*.

II

Sabe-se bem: a metapsicologia é a formalização da teoria psicanalítica, tendo em vista a descrição não só dinâmica e tópica, mas também econômica de processos psíquicos. Tais processos, claro está, podem ser conscientes, mas em sua maioria são inconscientes. Descrição tópica, porque centrada nas relações entre os chamados sistemas psíquicos; dinâmica, porque estuda o jogo de forças que subjaz aos processos; e econômica, porque investiga os investimentos e desinvestimentos de energia em determinadas representações⁴. Pode-se afirmar existir já no famígero sétimo capítulo da *Traumdeutung* a exposição de uma metapsicologia, mas o certo é que argumentações ou exposições metapsicológicas farão parte de toda a obra (psicanalítica) de Freud, culminando, é fato, nos chamados “artigos metapsicológicos” de 1915.

Conquanto venha a público somente em 1901, o termo “metapsicologia” já era usado nas cartas a Fliess. A 10 de Abril de 1898, a possibilidade de um tal nome para sua teoria aparece numa questão sem interrogação ao amigo berlinense. Após dizer que seu livro sobre os sonhos está quase pronto, Freud confessa que “o problema” só se aprofunda e se amplia:

⁴ Sobre isso, cf. dois artigos de Freud sobre o conceito de inconsciente, em que o tema é desenvolvido com mais detalhes (FREUD, 1912/1999 e 1915a/1999).



Parece-me como se a teoria da realização de desejo houvesse dado apenas a solução psicológica, não a biológica, ou melhor, metapsíquica. (A propósito, vou perguntar-te seriamente se eu devo usar o nome metapsicologia para minha psicologia que conduz para trás da consciência [*hinter das Bewußtsein*]) (FREUD, 1950, p. 262).

Concedamos a devida atenção a esse excerto. Aí se afirma: a teoria que será exposta na *Traumdeutung*, segundo a qual o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido), forneceu uma solução *psicológica*, ou melhor, *metapsíquica* para o problema, mas não *biológica*. A solução, que é dita num primeiro momento *psicológica*, é melhor designada com a marca grega: ela é, *melhor dizendo*, metapsíquica. Mas não só isso: as palavras de Freud indicam que ele buscava também uma explicação *biológica* para o problema. Está evidente que as questões que se propõe elucidar têm *algum fundo biológico*, muito embora as respostas a que ele chegara até então *não fornecessem uma solução biológica*.

A psicologia cujo nome é posto *seriamente* em questão, muito precisamente a metapsicologia, é uma psicologia que conduz *para trás* da consciência. O *μετα-*, aí, indica uma condução rumo a um local *aquém* da consciência, que jazeria por trás dela, numa espécie de figuração espacial. Trata-se de um “conduzir *além*” do ponto de vista epistemológico (além dos métodos e conceitos da psicologia da consciência), mas também de um “conduzir *aquém*” do ponto de vista do objeto descrito (aquém daquilo que chamamos consciência). Esse além-aquém seria o metapsíquico, enquanto objeto, e o metapsicológico, enquanto teoria. Jazeria além do psicológico (“psicológico... ou melhor, metapsíquico”), mas também *aquém* do biológico, que por algum motivo ele não consegue tocar. Eis expostas duas das fronteiras epistemológicas da metapsicologia: a psicologia e a biologia.

É mister notar que o conceito central, em redor do qual tudo parece girar, só pode ser o de inconsciente. Nessa carta se faz um certo “gesto fundador”, como diz Cambon (2012), no qual está implícito que “é propriamente *o inconsciente enquanto tal* que constitui aos olhos de Freud *o para-além* da psicologia assimilada a uma psicologia *da consciência*” (p. 599). Aqui, porém, a coisa se complica, pois o in-consciente (negação do consciente, ausência do consciente, conceito fundador, mas que se reporta sempre ao seu duplo positivo), esse conceito maior da metapsicologia, acabará por trazer muitas aporias. Ao abordar a relação entre os fenômenos observados (conscientes) e as hipóteses teóricas formuladas (metapsicológicas, isto é, que conduzem para trás da consciência), a filosofia voltará à cena dos conceitos freudianos – mas voltará pela porta dos fundos.

No inacabado *Compêndio de psicanálise*, Freud arrola a psicanálise entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), e cita a física como exemplo.

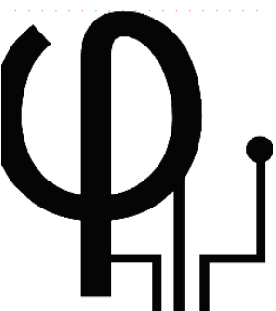
Aqui como ali a tarefa consiste em descobrir, por trás (*hinter*) das características (qualidades) diretamente recebidas da nossa percepção, algo diverso, que é independente da receptividade específica dos nossos órgãos sensoriais e que está mais próximo ao estado de coisas real presumido (FREUD, 1940/1999, p. 126).

Nesse passo da letra freudiana, a comparação é com o método experimental das ciências físicas: nossos órgãos sensoriais são falhos e limitados, e é preciso ampliar o seu alcance por meio de instrumentos ou métodos para que a ciência se aproxime do “estado de coisas real”. Em última instância, como confessa Freud, “o real permanecerá para sempre ‘irreconhecível’ [*unerkennbar*]” (FREUD, 1940/1999, p. 127), o que não impede que o cientista tente *aproximar-se* cada vez mais desse real. O fato é que, nessa aproximação, algo muito específico é executado nessa ciência especial que é a psicanálise, para a qual a única fonte de fenômenos é aquilo que emerge à consciência:

Nós encontramos os meios para preencher as lacunas (*Lücken*) de nossos fenômenos de consciência, dos quais nós nos valemos como o físico se vale do experimento. Nós deduzimos, por esse caminho, um número de processos que em si e para si são ‘irreconhecíveis’ [*unerkennbar*], inserimo-los nos que nos são conscientes (FREUD, 1940/1999, p. 127).

O que Freud afirma com todas as letras é que os fenômenos da consciência são lacunares: eles não portam consigo a *totalidade* dos atos psíquicos, e o seu sentido só pode ser compreendido quando se vai para trás da consciência. Nesse procedimento, o teórico da metapsicologia não pode senão *deduzir* e *inserir*, entre os fenômenos da consciência, processos inconscientes que são *em si e para si imperceptíveis*. Ora, o que vemos retornar então não é nada menos do que aquele processo, antes exprobrado, de *preencher lacunas*. Aqui, Freud procede ao menos em parte como o filósofo: ele abertamente preenche as lacunas dos fenômenos com seus conceitos abstratos. Como mostra Berthold-Bond (1989, p. 283), há uma mudança de foco nesse procedimento: enquanto o filósofo preenche os buracos do mundo *externo*, Freud faz o mesmo com os buracos do mundo *interno*. Tratar-se-ia, pois, daquela metamorfose de que recém-falamos: tradução da metafísica numa metapsicologia.

Numa palavra: o que se encontra em jogo é o estatuto epistemológico do conceito de inconsciente. Como descreve Hermann (1991), nesses momentos de sua teorização Freud não faz do inconsciente “nem um objeto, nem um anti-objeto, nem um continente sem conteúdo, nem um conteúdo sem continente”; o inconsciente seria aí, antes, um constructo, “isto é, uma cavilha [*cheville*] operacional, *um conceito hipotético que,*



introduzido numa sequência de eventos, a torna inteligível” (p. 308). O inconsciente: instrumento abstrato que deve necessariamente ser usado para que se compreendam fenômenos que são apenas parcialmente inteligíveis. Nesse passo, a metapsicologia não encontraria paralelo nem na física nem na metafísica. Eis o que afirma Silveira, com a qual concordamos plenamente:

Não podemos descurar do fato de que os conceitos da física não são diretamente metafísicos enquanto os conceitos da psicologia freudiana, muito embora não sejam metafísicos, são metapsicológicos. Isso já é suficiente para percebermos algo que salta aos olhos: não existe aí uma simetria. [...] Supô-lo [o inconsciente] corresponde, inevitavelmente, a instaurar um ponto cego no coração do fenômeno. Enquanto na física passa-se do fenômeno ao conceito, na metapsicologia essa passagem só é franqueada mediante a interposição da hipótese do inconsciente, sendo esta uma hipótese que automaticamente retroage sobre a própria concepção do que seja um fenômeno, produzindo aí um abalo incontornável (SILVEIRA, 2016, p. 52).

Assim, os conceitos freudianos não são metafísicos, e tampouco são psicológicos, eles são metapsicológicos; é como se, de cada *lado* da equação, a hipótese do inconsciente mantivesse uma parcela específica: da metafísica, retém-se o prefixo grego, isto é, o método heurístico de, indo além dos fenômenos, explicá-los mediante conceitos abstratos; da psicologia, retém-se o objeto psíquico, mas cujo sentido só pode ser apreendido num detrás da consciência. Esse detrás, *hinter*, marca o nome da formalização teórica freudiana, no prefixo grego que a inicia. Como bem disse Silveira, a suposição de processos *meta*-psicológicos, isto é, inconscientes, acaba por instaurar um “ponto cego no coração do fenômeno”; por sua *natureza*, o fenômeno psíquico exigiria um *método meta*-⁵. De fato, ele é, para Freud, lacunar, e sua inteligibilidade é somente *parcial*. Para que seja compreendido em sua inteireza, é preciso deduzir, da série de fenômenos perceptíveis, uma série de processos inapreensíveis pelos órgãos dos sentidos⁶. Nesse aspecto da teorização freudiana (certamente um dos mais importantes), a

⁵ Com efeito, nós observamos há pouco Freud descrever como os fenômenos psíquicos com os quais o filósofo não trabalha (o sonho, a hipnose, os sintomas neuróticos...) *o obrigam* a adotar o conceito de inconsciente.

⁶ A esse respeito, seria importante analisar mais a fundo a justificativa do conceito de inconsciente, tal qual Freud a elabora em diversos dos seus textos (*cf.*, sobre isso, CAROPRESO & SIMANKE, 2008, onde os autores reconstruem e sistematizam a argumentação freudiana de forma minuciosa). O que parece fundamental salientar, porém, é que, se o físico ou o biólogo, como argumenta Freud, têm de ir *além* do fenômeno e explicá-lo mediante conceitos abstratos, isso não implica que, nessa sua teorização, eles pressuponham *lacunas* nesses mesmos fenômenos (em suma: nessas ciências, não há nada faltante nos fenômenos; o que “falta” é o *conceito* para que os fenômenos sejam compreendidos); Freud, por sua vez, diz explicitamente que o psíquico é em grande parte *inapreensível pelos sentidos*, isto é, ele postula a existência de algo que *por natureza e por definição é não-fenomenico* para que o próprio fenômeno seja compreendido. Esse, portanto, o “ponto cego no coração do fenômeno” de que fala Silveira.

metafísica parece ressurgir como um modelo indesejado que, conquanto não seja imitado, não pode deixar de ser levado em conta do ponto de vista epistemológico.

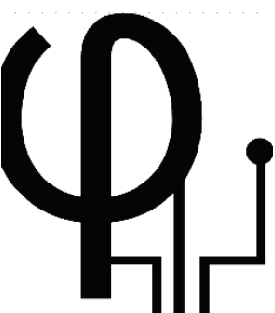
III

Embora nossa discussão se tenha centrado nas relações entre psicanálise e metafísica, de um lado, e psicanálise e psicologia, do outro, há outra disciplina científica que já marcou presença e com a qual o discurso freudiano se põe muito amiúde em contato. Referimo-nos à *biologia*. Em 1898, Freud reconhece a Fliess que sua teoria da realização onírica do desejo não oferece uma explicação *biológica* para os fenômenos perquiridos; em 1913, ele afirma que o conceito psicanalítico de inconsciente deve obrigar os filósofos a modificar suas hipóteses acerca da relação entre alma e corpo. Aqui, Freud está quase nos *obrigando* a nos reportar ao conceito de *Trieb*.

A definição canônica, a que devemos nos voltar, é de 1915. Freud faz então quase derivar do conceito fisiológico de *estímulo* o conceito metapsicológico que lhe interessa: o *Trieb* seria, com efeito, “um estímulo para o psíquico” (*ein Reiz für das Psychische*) (FREUD, 1915b/1999, p. 211). Entretanto, ele se distinguiria dos estímulos sensoriais por duas de suas características mais importantes: o chamado “estímulo do *Trieb*” (*Triebreiz*) não se origina no mundo externo, mas sim no interior do organismo; e ele não opera como um golpe singular, mas sim como uma “força constante” (*konstante Kraft*). O organismo sentiria a atuação desses estímulos internos sob a forma de *necessidades corpóreas*, e ao organismo caberia eliminar essa estimulação, isto é, satisfazer a tais necessidades. É nessa constelação conceitual que Freud vai tematizar a relação alma-corpo; mais que isso, é o *limite*, a *fronteira* entre ambos o que será tematizado na definição do conceito de *Trieb*:

Viremo-nos [*Wenden*] agora do lado biológico [*von der biologischen Seite*] para a consideração da vida da alma, e então o “*Trieb*” nos aparece como um conceito-limite [*Grenzbegriff*] entre anímico e somático, como representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e chegam à alma, como uma medida de exigência de trabalho que é imposta ao anímico em consequência de sua conexão [*Zusammenhang*] com o corpóreo (FREUD, 1915b/1999, p. 214).

Esse parágrafo é exemplar da conduta epistêmica de Freud: inicia-se com um ato de *virada*, de *direcionamento*, que vai de um *lado* do fenômeno (o lado biológico, com o



qual Freud se ocupara até então) rumo ao *outro* lado (o lado psicológico, que lhe é complementar e, mais do que isso, de certa forma derivado). O *Trieb*, a força cega da natureza atuante em todos os organismos, é o conceito que marca, que delimita não só o limite entre o corpóreo e o anímico no organismo (espécie de fronteira ontológica, por assim dizer), mas funciona também como a marca de uma das *fronteiras epistemológicas* da psicanálise. Isso é dito abertamente em 1913, quando o *Trieb* é descrito como “o conceito-limite [*Grenzbegriff*] entre a concepção psicológica e a biológica” (FREUD, 1913/1999, pp. 410-411). Ou seja: para lá, eis a biologia; para cá, estamos no reino psíquico. Cumpre a métodos ou ciências distintas o estudo de cada um dos lados do fenômeno. Como Freud diz em 1915, “o estudo das fontes do *Trieb* já não compete à psicologia” (FREUD, 1915b/1999, p. 216); ele cabe, antes, à biologia (ou a ramos específicos dela: fisiologia, neurologia, e assim por diante). A psicanálise, por sua vez, tem como tarefa estudar a atuação do organismo mediante o estímulo corpóreo quando este se manifesta a ele como um *representante psíquico*.

No *Compêndio de psicanálise*, que já citamos para falar das lacunas fenomênicas que o tear metapsicológico costura, Freud diz muito abertamente dos limites que volta e meio suas pesquisas ultrapassaram (numa provável referência à teoria da sexualidade ou às hipóteses de cunho e respaldo abertamente biológicos de 1920):

Deve chamar-nos a atenção o fato de que tão amiúde nós fomos obrigados [*genötigt waren*] a nos aventurar para além das fronteiras da ciência psicológica [*die Grenzen der psychologischen Wissenschaft*]. Os fenômenos de que nós tratamos não pertencem apenas à psicologia; eles têm também um lado orgânico-biológico [*eine organisch-biologische Seite*] e, por consequência, em nossos esforços na edificação da psicanálise nós fizemos também significativas descobertas biológicas e não pudemos evitar novos pressupostos biológicos (FREUD, 1940/1999, p. 125).

Uma vez mais vemos Freud sentir-se *obrigado* a ultrapassar uma fronteira. Se antes ele se sentia instigado ou impulsionado pelos fenômenos a deduzir a existência de processos psíquicos inconscientes, aqui ele se mostra coagido a tratar do *lado orgânico-biológico* dos fenômenos com cujo *lado psicológico* ele lidara antes.

Esse vínculo entre psicanálise e biologia, que ao mesmo tempo é um aparente atestado de divórcio, surge explícito no terceiro prefácio aos *Três ensaios sobre a teoria sexual*, escrito por Freud em 1914. Aí se lê: “minha meta foi, contudo, explorar tanto quanto há a se descobrir sobre a biologia da vida sexual humana [*zur Biologie des menschlichen Sexuallebens*] com os meios da investigação psicológica” (FREUD, 1905/1999, p. 30). Freud refere-se aos ensaios prefaciados, é evidente, mas sua afirmação parece estender-se para toda a



investigação analítica: perquire-se a *biologia* da vida sexual humana por meio de um método não biológico, mas sim *psicológico*. O resultado são as hipóteses da sexualidade infantil, do regime polimorfo da libido, da perversão e seu negativo (a neurose), e assim por diante, que culminam na teoria, mais geral, dos processos psíquicos mediante os quais a força sexual é tramitada pelo organismo humano.

O *Trieb* traz consigo, portanto, aquela dualidade de que falávamos: ele é em si mesmo a moeda que, na falta de um dos lados, perde seu valor inteiro. Ele é conceito-limite e ele demarca o limite da pesquisa psicanalítica. Para que compreendamos isso melhor, retomemos o raciocínio freudiano: haveria forças cegas e naturais atuando no organismo e que são por ele percebidas somente após a *ultrapassagem* de um umbral, de um limite quantitativo. Nessa ultrapassagem, ocorre uma espécie de *metamorfose*: de quantidade, passam a qualidade (fome, sede, sono...); essa qualidade é, em última instância, sempre desprazer. Ora, pela natureza mesma desses estímulos, que são incessantes e exigentes de descarga imediata, surge um conflito entre a busca pelo prazer e a realidade material: esta é intransigente e não permitirá que as necessidades se satisfaçam sempre que se façam presentes. Tal estado de coisas *obrigará* o organismo a passar por uma espécie de pedagogia do *Trieb*. Entrará em jogo, junto ao princípio de prazer e dele derivado, o princípio de realidade (FREUD, 1911/1999). A coisa se complica, porém, quando se supõe que o mais importante destino dessa força natural não é outro senão a sua repressão (e aqui tocamos na relação entre biologia e inconsciente). Novas forças entram em jogo, na medida em que, com o processo repressivo, trata-se agora de *representações* que, desligadas do afeto a que antes se jungiam, são armazenadas no inconsciente e passam a ser regidas pelos processos primários (FREUD, 1915c/1999)⁷. Esses processos, por sua vez, são os verdadeiros processos psíquicos inconscientes, ou seja, são os processos *deduzidos* pelo teórico da metapsicologia e inseridos na trama lacunar de fenômenos conscientes, mas são também a expressão de uma tendência *biológica* do organismo (o princípio de prazer).

Assim, ao erigir seus constructos metapsicológicos, Freud está também investigando uma espécie de limbo entre o puramente fisiológico e o puramente consciente. Essa é a posição do inconsciente freudiano. Com efeito, a metapsicologia não somente descreve os processos que ocorrem por detrás da consciência, mas também analisa os traços *psíquicos* que as forças *biológicas* vão deixando no organismo. Ora, é precisamente aqui que a metamorfose

⁷ Também é a repressão o que explica o caráter lacunar dos fenômenos psíquicos conscientes, na medida em que somente a poucas representações é lícito emergir à consciência; o restante delas é convidado a se retirar do recinto. Mas são justamente essas representações impassíveis de tornar-se conscientes que detêm a chave para que se acesse o sentido daquelas representações que puderam vislumbrar a superfície da alma.

metapsicológica da metafísica mostra sua inesperada importância. Diz Berthold-Bond (1989) a esse respeito:

A tarefa de Freud de reconstruir a metafísica na metapsicologia se torna, então, uma tarefa de “traduzir” a concepção filosófica, demasiado espiritualizada e puritanizada [*puritanized*], do homem racional no texto do *homo natura*, o que ele busca executar através de uma teoria dos instintos (o objetivo de Freud mais persistentemente perseguido) que nos permitirá descobrir os sentidos de fenômenos conscientes, ao traçá-los até suas origens instintuais (pp. 279-280).

À metafísica, pois, é negada a legitimidade heurística de seus conceitos puramente abstratos e intangíveis; essa negação, contudo, só se pode cumprir mediante uma sua metamorfose: do empíreo metafísico, os conceitos têm de ser baixados ao subsolo metapsíquico do inconsciente. Ao psicanalista é lícito preencher os buracos do mundo consciente, visto que seus fenômenos são por natureza lacunares. Essas lacunas nos reenviam ao espaço (seja conceitual, seja ontológico) intermediário entre o fisiológico e o consciente. É nesse limbo orgânico-representacional que a metafísica encontrará seu duplo freudiano. Esse duplo, por sua vez, é duplo em si mesmo: sua identidade é precisamente um estar-na-fronteira, sem que se possa decidir a qual lado ele pertence mais.

IV

Como se pôde notar, nós vimos utilizando o termo alemão *Trieb* sem traduzi-lo. Fizemo-lo não só por não estarmos seguros do acerto de qualquer uma das traduções propostas, mas sobretudo porque o vocábulo alemão é o centro da maior querela tradutória em que se envolve a obra freudiana⁸. Não há consenso quanto à tradução de *Trieb*, e isso nos parece sobretudo importante não só para discussões filológicas ou afins, mas também fundamental para a compreensão da posição do conceito dentro da teorização freudiana. Enquanto uns preferem o termo *pulsão*, outros mais querem a opção *instinto*. Têm-se, pois, duas palavras latinas para a tradução da palavra germânica. É importante notar que, neste caso, os filósofos não estão debatendo sobre o sexo dos anjos, mas sim sobre o sexo dos *homens*, e a querela tradutória,

⁸ Sobre isso, cf. o artigo valiosíssimo de Tavares (2011), que discute a etimologia do vocábulo, as opções de tradução e o caráter fundante do conceito de *Trieb*, isto é, o fato de ele ser por essência fronteiriço. Segundo ele, decidir-se por uma opção tradutória ou por outra “pode fazer desse *Trieb* uma espécie de clandestino que cruza as fronteiras para o lado biológico-corporal ou para o psíquico-cultural, naturalizando-se em uma ou outra região. Acontece que Freud não pretendeu naturalizá-lo em qualquer território previamente definido, mas antes preservar sua característica seminal fronteiriça e, portanto, apátrida” (TAVARES, 2011, p. 381).

muito longe de ser mera logomaquia etérea, revela um impasse fundamental (no sentido forte do termo). *Por ser intraduzível, o conceito-limite da psicanálise mostra que, nele, está em jogo justamente o estatuto da tradução para a metapsicologia.* Com efeito, ao se apresentar para o aparelho psíquico, a energia orgânica sofre uma metamorfose, ela passa do estado de pura energia para o de representante psíquico; nesse sentido, ela mesma é o agente primeiro da tradução que possibilita a existência de uma ciência como a psicanálise.

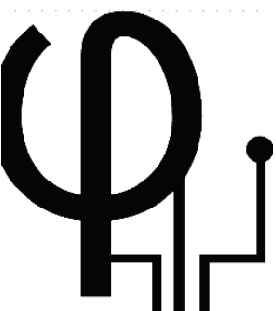
Estamos aqui frente a um impasse fundamental: possuiriam os dois lados do fenômeno psíquico o mesmo estatuto ontológico, por assim dizer? Ou o corpóreo teria um primado não só cronológico, mas também ontológico com relação ao anímico a ele vinculado e dele derivado? Eis-nos numa verdadeira antinomia da razão freudiana, e a esse respeito cada comentador parece tecer uma leitura muito própria. O interessante é que, como nas antinomias kantianas, aparentemente os dois lados *têm razão em seus argumentos.*

Tomando um representante de cada lado da contenda, vejamos de forma muito resumida quais são seus argumentos. Silveira é defensora do uso do termo *pulsão*. Seu raciocínio, centrado nas noções de filogenia e fantasia originária, é o de que uma possível redução da psicanálise à biologia seria contrária não só à letra freudiana, mas também à especificidade epistemológica da teorização freudiana.

Não se trata de negar que os conceitos metapsicológicos possuem importantes alicerces biológicos [...], nem que, em Freud, a pulsão, sempre vinculada a cada um desses conceitos, é um estímulo endógeno, que o corpo humano está inserido numa cadeia evolutiva, que os processos psíquicos exigem o cérebro [...]. Trata-se de reconhecer que a lógica do mal-estar, do complexo de Édipo e do recalque não é uma lógica redutível à biologia (SILVEIRA, 2014, p. 198).

Ou seja, tratar-se-ia de um amplexo de fenômenos qualitativamente distintos dos fenômenos puramente biológicos, se assim nos podemos expressar. Esse grupo de fenômenos, ela recorda com toda a razão, *têm facetas biológicas*, mas não seriam redutíveis a elas, e, no que concerne a isso, a psicanálise estaria aí precisamente para estudar o que neles não se reduz ao biológico: “se, aos olhos de Freud, a psicanálise fosse redutível à biologia, ele não teria motivos para alegar reiteradamente ter criado uma disciplina científica autônoma” (SILVEIRA, 2014, p. 198).

Isso está em plena consonância com a letra freudiana. Em 1913, ao falar dos diversos interesses pela psicanálise, Freud diz que a explicação fisiológica de certos fenômenos (atos falhos, sonhos, delírios, compulsões) jamais foi satisfatória. “Contra isso, a psicanálise conseguiu revelar que todas essas coisas podem tornar-se compreensíveis a



partir de pressupostos de natureza puramente psicológica [*rein psychologischer Natur*] (FREUD, 1913/1999, p. 391). A continuação do texto mostra bem que a psicanálise não só se edifica numa fronteira com a biologia, mas que ela também acaba por impor-lhe fronteiras onde dantes não havia: “Assim, por um lado a psicanálise limitou [*eingeschränkt*] a forma fisiológica de pensamento e, por outro lado, conquistou para a psicologia uma grande parcela da patologia” (FREUD, 1913/1999, pp. 391-392). Tudo isso aponta para uma especificidade epistemológica da disciplina analítica, uma especificidade apontada pelo próprio Freud. Nesse ponto, Silveira tem total razão.

Ela lembra acertadamente, além disso, que “pulsão é um conceito que Freud cria – de uma maneira, ademais, tateante, e não menos explícita por ser tateante; não é um conceito que ele tenha ido buscar pronto na biologia. O próprio texto metapsicológico sobre as pulsões e seus destinos seria desprovido de sentido se esse não fosse o caso” (SILVEIRA, 2014, p. 202). Mas esse é um ponto delicado, pois, apesar de o conceito não estar “pronto” na biologia, o fato é que, como aponta Simanke (2014, pp. 80-81), o termo *Trieb* era amplamente utilizado pelos biólogos germânicos do tempo de Freud. *Trieb*, aliás, é termo relativamente corrente na língua alemã (como vários dos termos “técnicos” empregados por Freud); a palavra “pulsão”, por sua vez, é totalmente isenta de coloquialidade e de conexão com a ciência biológica. Nesses dois quesitos, o uso da palavra *instinto* (defendido por Simanke) parece ser mais condizente com a letra freudiana. Simanke esclarece:

Isso não significa, evidentemente, que o termo “*Trieb*” tenha necessariamente uma significação biológica ou, sequer, que seja a principal significação ou a significação mais frequente e comum do vocábulo. De fato, no seu sentido mais geral de “impulso”, o termo aparece no vocabulário de diversas outras correntes filosóficas ou científicas que também tiveram influência sobre Freud (Nietzsche, o pensamento romântico etc.). Basta [...] evidenciar que o termo pode ter uma significação biológica, que essa significação, quando presente, tem afinidades com o que a biologia chama de “instinto” e que o termo foi, de fato, concretamente utilizado dessa maneira (SIMANKE, 2014, p. 83).

Conforme ele mostra em outro artigo, Freud sempre foi “intransigentemente naturalista”. Nós vimos como ele, já no seu trabalho póstumo publicado em 1940, define a psicanálise como *mais uma* das ciências da natureza. Além disso, a edificação teórica da psicanálise não passaria de uma construção passageira, cuja existência seria possível (ou mesmo exigível) por conta da *limitação* (também passageira) dos métodos e instrumentos biológicos:

Podemos encontrar, dispersas ao longo de todo o percurso de sua obra [de Freud], afirmações bastante taxativas e inequívocas de que a psicologia e,



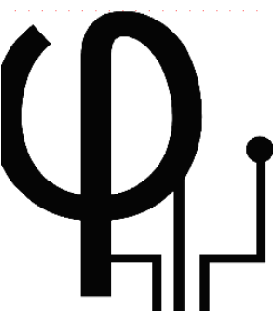
dentro dela, a psicanálise deveriam, em última instância, encontrar seu fundamento na neurologia e na biologia. Os modelos exclusivamente psicológicos para a explicação do mental – a cujo conjunto Freud denominou metapsicologia – deveriam ser, assim, considerados como construções provisórias, à espera que o avanço do conhecimento sobre o cérebro e o sistema nervoso tornasse possível sua substituição por uma teoria mais definitiva e mais próxima da realidade que se trata de conhecer (SIMANKE, 2009, p. 226).

Em 1920, Freud confessa que seus conceitos podem por vezes parecer demasiado abstratos: é estranha ou mesmo inimaginável a concepção de uma libido que sai para o mundo, que vai do eu ao objeto ou que se fixa em representações quaisquer. Essa estranheza do conceito se deve a que “nós somos obrigados [*genötigt*] a trabalhar com os termos científicos, isto é, com a linguagem imagética da psicologia (ou melhor, da psicologia das profundezas)” (FREUD, 1920/1999, p. 65). Sem essa linguagem, diz Freud, nós não poderíamos descrever e nem mesmo perceber os fenômenos. A linguagem metapsicológica, nesse caso, é caracterizada como uma espécie de *obrigação* que o confronto com os fenômenos suscita. Mas Freud completa, logo em seguida: “as falhas [*Mängel*] da nossa descrição talvez possam desaparecer, caso nós, em vez dos termos psicológicos, pudéssemos inserir [*einsetzen*] então os fisiológicos ou químicos” (FREUD, 1920/1999, p. 65).

Aqui há uma espécie de ricochete da metamorfose metapsicológica: é agora a própria metapsicologia que é descrita como possuindo carências. *Mangel*, em alemão, significa não só “falha”, mas também “defeito”, “imperfeição”, “carência” ou mesmo “falta”. Eis-nos, pois, novamente perante *lacunas* num tecido. Nesse caso, o tecido em questão é o próprio texto psicanalítico, cujas fissuras só seriam preenchidas, quem sabe, quando se inserisse, no lugar do vocabulário psicológico, o léxico fisiológico ou químico necessário. Assim como, previamente, era a metafísica quem sofria uma metamorfose epistêmica e, destronada, tinha sobrevivido somente no mundo subterrâneo entre a alma e o corpo, agora é a própria metapsicologia a teoria cujos conceitos abstratos haveriam de ser substituídos por outros mais convenientes ou adequados. Freud aponta aqui, é evidente, para uma possível morte da psicanálise. Morte cuja possibilidade ele não lamenta em momento algum.

V

O curioso é que essa seria uma morte dupla: o ocaso da metapsicologia resultaria num fenecimento, de segundo grau, da própria metafísica, que havia sobrevivido, metamorfoseada, no limbo orgânico-representacional. É evidente: não falamos da morte



da *metafísica em si*, mas sim da metafísica conforme ela é caracterizada por Freud. Aqui está em questão, como mostramos, a importância do prefixo *μετα-* para a teorização freudiana. Retomemos o raciocínio que seguimos até aqui. Segundo ele, temos que:

- 1) Os conceitos psicanalíticos têm um limite com a biologia, e a psicanálise estuda precisamente a *metamorfose* psíquica da força natural (o *Trieb*);
- 2) Ao fazê-lo, diagnostica lacunas nos fenômenos, e sua teorização parte em busca dos fundamentos desse psiquismo, isto é, erige-se numa *metapsicologia* que, partindo para-além da consciência, cura de chegar às origens inconscientes dos fenômenos;
- 3) Metapsicologia, porém, é também de certa forma uma *metamorfose* da *metafísica* (tal qual concebida por Freud).

O resultado é que tanto o inconsciente quanto o *Trieb* estão no centro dessas operações. Ao operar a inversão da metafísica, a psicanálise não chega a uma pura “psicologia”, mas sim a uma metapsicologia do inconsciente cuja fronteira é a biologia. A riqueza do discurso psicanalítico residiria muito precisamente em seu *caráter fronteiro*. Nisso Silveira tem razão: se não a *ciência*, ao menos o *discurso* freudiano tem uma especificidade incontornável. Em 1925, Freud se queixa de que, ao falar de um inconsciente e ao tratar de patologias antes consideradas fisiológicas, a psicanálise só colheu desvantagens “da sua posição média [*Mittelstellung*] entre medicina e filosofia” (FREUD, 1925/1999, p. 104). Ao se inserir o léxico químico-fisiológico ali onde o tecido psicanalítico mais falha, cai também por terra toda a tarefa de traduzir a metafísica numa metapsicologia; em suma, o prefixo *μετα-* se torna desnecessário, na medida em que fisiologia ou química prescindem dele. À psicanálise, por sua vez, ele é imprescindível.

Μετά é, antes de prefixo, preposição. Seguido do genitivo, significa “com, em meio a, entre” ou “conforme, segundo, de acordo com”; seguido do acusativo, significa “após” ou “rumo a, contra”. Ao ser usada como prefixo, agrega sentidos diversos aos vocábulos. Em vários dos casos, adquire sentido muito similar ao do *trans* latino. Βαίνειν significa “ir, andar”; μεταβαίνειν, “atravessar”, “passar de um lugar a outro”. Μορφή é “forma, figura”; μεταμόρφωσις, “transformação”, isto é, a passagem de uma forma a outra. Μέθοδος, substantivo composto de μετα + ὁδός (caminho, via, viagem), é o caminho através do qual se chega a algum lugar, é o caminhar segundo regras, ou seja, é o “método” propriamente dito. Oriunda do verbo φέρειν (levar, portar, carregar), a palavra μεταφορά significa, em

primeiro lugar, um “transporte”, uma “transferência” de qualquer coisa, de um lugar para outro⁹. Trata-se, portanto, do prefixo dos trânsitos e transições, das travessas e travessias, das traduções e transgressões¹⁰. “Estar entre amigos” pode significar “estar com amigos” ou “estar numa posição intermediária entre amigos”, a meio caminho entre uns e outros. A metapsicologia, ao se postar manifestamente *entre* a biologia e a psicologia, parece fazer num estado ambíguo: não sabemos se ela existe *com* essas outras disciplinas, isto é, em sua *companhia*, ou se ela se encontra inelutavelmente *separada* delas, sempre na sua *fronteira*. Entre corpo e alma, lá está o inconsciente, lá está o *Trieb*, e lá está a psicanálise. Lá onde há produção de sentido, Freud o faz remontar à sua origem energética e corpórea; lá onde há a força da natureza atuando nos homens, Freud demonstra de que modo dessa força nascem os processos de significação. A metapsicologia, longe de resolver as aporias freudianas, é a marca mesma de suas escâncaras.

Aqui, porém, tocamos naquele problema, naquela fronteira, naquele limite entre energética e hermenêutica freudianas – tão bem descrito e analisado por Monzani (1989) –, que não sabemos se algum dia receberá solução satisfatória. Mas o fato é que, por estar e se fundar no *limite*, a psicanálise se oferece *ilimitadamente* como fonte de reflexão filosófica. Se porventura o vocabulário químico-fisiológico no futuro reparar todas as faltas do tecido metapsicológico, seria o fim da psicanálise enquanto ciência especial da natureza? Talvez. Mas certamente não será o fim da filosofia da psicanálise.

⁹ Que tipo de metapsicologia nós teríamos se, em vez de transferência, disséssemos que o paciente realiza uma *metáfora* com o analista?

¹⁰ Pode ser proveitoso notar de passagem a importância da *transgressão* para a concepção freudiana de cultura. Em nota de rodapé de 1915 aos *Três ensaios*, Freud (1905/1999, p. 127) diz que “a barreira do incesto pertence provavelmente às aquisições históricas da humanidade e pode, como outros tabus morais, já estar fixada em vários indivíduos por meio de herança orgânica” (*Die Inzestschranke gehört wahrscheinlich zu den historischen Erwerbungen der Menschheit und dürfte wie andere Moraltabu bereits bei vielen Individuen durch organische Vererbung fixiert sein*), ou seja, aquilo que é fundante do *propriamente social* se torna *herança orgânica*. Mas Freud completa: “a pesquisa psicanalítica mostra, no entanto, quão intensivamente o indivíduo ainda luta, em seus períodos de desenvolvimento, contra a tentação do incesto, e quão amiúde ele a transgride em fantasias ou mesmo na realidade” (*Doch zeigt die psychoanalytische Untersuchung, wie intensiv noch der einzelne in seinen Entwicklungszeiten mit der Inzestversuchung ringt, und wie häufig er sie in Phantasien und selbst in der Realität übertritt*). Interessante aqui deveras o fato de o indivíduo humano fazer, em Freud, sempre num estado de transição entre a natureza e a cultura; ou melhor, a cultura, antes de ser um fato dado e pré-estabelecido, é essa própria *fronteira* com a natureza, é esse estar-no-limite (e o mal-estar que a compõe teria aí um de seus fundamentos). Alguns indivíduos já possuem dentro de si, *organicamente*, a fixação do tabu; mas muitos deles também *transgridem* essa tentação, e passam da fantasia para a realidade. Ou seja, o cultural propriamente dito (a barreira contra o incesto), para solidificar-se, teria de *tornar-se natureza*; enquanto isso não ocorre, é a própria natureza quem faz retorno por meio da *transgressão*. Aqui, temos um conceito de cultura que não é contraposto de forma absoluta ao de natureza; em melhor dizendo: temos um “conceito qualificado” de natureza, para usar a expressão de Simanke (2009, p. 233), que é componente desse caráter fronteiro da disciplina freudiana, como tentamos descrever e analisar neste estudo.

REFERÊNCIAS

- BERTHOLD-BOND, Daniel. Freud's Critique of Philosophy. *Metaphilosophy*, Nova Iorque, 20 (3-4), 1989, p. 274-294
- CAMBON, Fernand. Le « méta- » et l'« au-delà » chez Freud. *Archives de Philosophie*, Paris, 75 (4), 2012, p. 597-621
- CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2008, p. 31-51
- FREUD, Sigmund. Zur Psychopathologie des Alltagslebens. *Gesammelte Werke*, Band 4. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1901/1999
- FREUD, Sigmund. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. *Gesammelte Werke*, Band 5. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 27-145, 1905/1999
- FREUD, Sigmund. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychisches Geschehens. *Gesammelte Werke*, Band 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 229-38, 1911/1999
- FREUD, Sigmund. Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse. *Gesammelte Werke*, Band 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 429-439, 1912/1999
- FREUD, Sigmund. Das Interesse na der Psychoanalyse. *Gesammelte Werke*, Band 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 389-420, 1913/1999
- FREUD, Sigmund. Das Unbewusste. *Gesammelte Werke*, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 263-303, 1915a/1999
- FREUD, Sigmund. Triebe und Tribschicksale. *Gesammelte Werke*, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 209-232, 1915b/1999
- FREUD, Sigmund. Die Verdrängung. *Gesammelte Werke*, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 247-261, 1915c/1999
- FREUD, Sigmund. Jenseits des Lustprinzips. *Gesammelte Werke*, Band 13. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 1-69, 1920/1999
- FREUD, Sigmund. Die Widerstände genge dye Psychoanalyse. *Gesammelte Werke*, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 99-110, 1925/1999
- FREUD, Sigmund. Die Frage der Laienanalyse. *Gesammelte Werke*, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 207-296, 1926/1999
- FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. *Gesammelte Werke*, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 419-506, 1930/1999
- FREUD, Sigmund. XXXV. Vorlesung. Über eine Weltanschauung. *Gesammelte Werke*, Band 15. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 170-197, 1933/1999
- FREUD, Sigmund. Abriss der Psychoanalyse. *Gesammelte Werke*, Band 17. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 63-138, 1940/1999
- FREUD, Sigmund. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London: Imago, 1950.
- HERMANN, Paul. Pour une épistémologie psychanalytique: Sur trois mots de Sigmund Freud. *Dialectica*, Paris, 45 (4), 1991, p. 301-315
- MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- SILVEIRA, Léa. Fantasia, analogia e narcisismo: Um argumento contra a tradução de “Trieb” por “instinto”. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, 19 (1), 2014, p. 189-204
- SILVEIRA, Léa. Má-fé e inconsciente: sobre a crítica de Sartre a Freud em *O ser e o nada*. *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, 13 (3), 2016, p. 39-55



SIMANKE, Richard Theisen. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, São Paulo, 7 (2), 2009, p. 221-235

SIMANKE, Richard Theisen. O *Trieb* de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, São Paulo, 12 (1), 2014, p. 73-95, 2014

TAVARES, Pedro Heliodoro. As “derivas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, 50 (2), 2011, p. 379-392

TÜRK, Johannes. Freuds Immunologien des Psychischen. *Poetica*, Munique, 38 (1/2), 2006, p. 167-188

